



Durante o ensino médio, também conhecido como segundo grau, Ana Paula tinha a Biologia como a sua matéria preferida. Se o assunto do dia fossem os sistemas de classificação dos seres humanos, então a menina era capaz de encher páginas e mais páginas de seu caderno escolar.

A fascinação da adolescência acabou se transformando em profissão. Hoje, Ana Paula é uma bem-sucedida biotecnóloga e aproveita a evolução da tecnologia para se aprofundar em seu campo de estudo. Ultimamente, ao utilizar a internet, ela tem sentido a mesma sensação da época do colegial: a máquina do tempo retorna aos tempos das aulas sobre taxonomia, quando ela era estimulada a buscar e produzir (intensamente) conhecimento.

Isso porque, das propostas de classificação dos organismos humanos formuladas de Aristóteles a Haeckel, ela se surpreende como a web adotou um conceito tão milenar e vem transformando-o em um meio para alcançar uma participação realmente ativa dos usuários em ambientes digitais.

# Folksonomia:

a classificação de conteúdo na web em nossas mãos!

“Taxonomia é coisa antiga, começou com a filosofia aristotélica e sua intenção de agrupar as espécies de seres vivos em um número determinado de categorias. O sistema evoluiu para a atual nomenclatura científica (espécie, gênero, filo, reino, aquelas coisas de escola que pouca gente lembra em detalhes). Quando começaram a surgir as ferramentas de publicação na internet, a necessidade de se criar seções nos websites adotou, a princípio, uma perspectiva parecida: o administrador do site determinava um universo restrito de categorias sobre as quais os usuários escreveriam”, explica Felipe Fonseca, pesquisador do IPTI (Instituto de Pesquisas em Tecnologia da Informação).

No entanto, essa perspectiva se tornou limitada e a evolução das ferramentas de publicação permitiu uma mudança nesse cenário. “Foram algumas ferramentas públicas de conversação e publicação que primeiro desenvolveram de maneira estruturada o que depois se convencionou denominar folksonomia. Del.icio.us, depois Flickr e vários outros serviços definiram que a classificação dos assuntos a que se referiam suas entradas seriam criadas pelos próprios usuários, surgindo um sistema de organização mais orgânico e descentralizado. Depois de algum tempo,



essa visão foi adotada por outros sistemas e CMS (Content Management System ou Sistema de Gerenciamento de Conteúdo), livres ou não”.

Para Felipe, assistimos a descentralização total da categorização da informação na web. “Cada usuário tem autonomia total para definir o seu espaço de idéias, para organizar seus posts, links, informações coletadas ou criadas, da forma que melhor lhe convier. Não se trata, como na época da criação dos blogs e outras ferramentas, somente da liberdade de publicar, mas da liberdade de organizar informação, de exteriorizar estruturas mentais. Talvez até mais do que o conhecimento explícito publicado nesses novos sistemas é o conhecimento tácito que se torna mais disponível: à medida que quem navega por tais sistemas não se limita a acessar o ‘conteúdo’ específico, mas também a entender que tipo de associação à pessoa que escreveu fez ao aplicar uma ou outra tag para um determinado texto ou link”.

#### **Como definir a folksonomia?**

Antes de conhecermos quais são as transformações que a folksonomia está trazendo para o universo dos profissionais de internet, primeiro será preciso conhecer o seu contexto e significado. O dicionário Wikipédia registra (<http://tinyurl.com/hxsa7>) o arquiteto da informação Thomas Vander Wal ([www.vanderwal.net](http://www.vanderwal.net)) como o criador do neologismo folksonomia [união das palavras “folks” (povo, pessoas) com “taxonomia”].

Sua funcionalidade se tornou mais evidente em setembro de 2005, com a publicação do artigo “What Is Web 2.0” (<http://tinyurl.com/743r5>), de Tim O’Reilly. Este texto é considerado pelos especialistas como um marco sobre os ideais que alimentam o movimento conhecido como Web 2.0, no qual a folksonomia faz parte.

Dentre as explicações citadas por O’Reilly, ficamos sabendo que tal conceito “é um estilo de classificação colaborativa de sites usando palavras-chave (tags), livremente escolhidas pelos usuários”. “A taxonomia pressupõe regras normalmente utilizadas na média do mercado, as famosas boas práticas. Já a folksonomia segue um caminho diverso: deixa o mercado, os consumidores criarem um ‘não-padrão’. Costumo dizer que o que

chamamos de folksonomia é um registro vivo do fluxo de opiniões sobre pessoas, idéias, produtos e outros conteúdos. Querer, portanto, controlar este fluxo é uma pretensão inocente. Podemos, no máximo, aprender a ficar de pé na prancha. E olhe lá”, alerta Mauro Amaral, editor do CarreiraSolo ([www.carreirasolo.org](http://www.carreirasolo.org)) e estrategista de conteúdo.

#### **As transformações que estão por vir**

Na edição de janeiro da Revista Webdesign, aprendemos que a Web 2.0 vem trazendo profundas mudanças no universo profissional da internet, que vão desde os ambientes técnicos das aplicações (AJAX, por exemplo) até o posicionamento das empresas que investem neste mercado (Yahoo comprando serviços web, como Flickr e del.icio.us, por exemplo).

Dentro deste contexto, a folksonomia assume papel significativo. “Ela é parte de uma série de transformações na rede, que se intensificaram de 2003 para cá. Junta-se à disseminação dos blogs e wikis, à distribuição de conteúdo por protocolos, tipo o RSS (Really Simple Syndication), aos aplicativos para constituição de redes sociais, como o Orkut, e aos coletores sociais de links e outros materiais, como o del.icio.us. As mudanças para o desenho de sites vêm deste conjunto de transformações. Normalmente, os sites são desenvolvidos esperando um incremento na ‘encontrabilidade’ e, assim, penso que haverá um movimento no sentido de estudar como esta folksonomia está sendo gerada e quais as tags ou palavras-chave que deverão ser atendidas no projeto do site”, diz Suzana Gutierrez, pesquisadora do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (TRAMSE) da UFRGS.

Como exemplo, a pesquisadora cita o caso da classificação do site da FIFA ([www.fifa.com](http://www.fifa.com)) no del.icio.us. “As principais tags que aparecem por lá são ‘soccer’ e ‘sports’. Em seguida, temos ‘football’ e ‘fifa’ e, em bem menor número, ‘futebol’. Isso mostra como o usuário está classificando o site e, também, de um certo modo, quem é este usuário. Neste sentido, estas classificações dão o que pensar em relação à democratização do acesso e à democratização da classificação de conteúdo”.





## “Liberdade de organizar informação, de exteriorizar estruturas mentais” (Felipe Fonseca)

Além destes aspectos, René de Paula Jr., diretor de produtos do Yahoo! Brasil, aponta ainda a mudança no foco dos projetos, no qual os usuários se tornam cada vez mais participativos. “Tecnicamente é mais simples fazer um site tradicional, com organização do conteúdo estática e pré-determinada. Incorporar folksonomia requer um conhecimento técnico mais profundo ou então a adoção de um CMS como o **Drupal**, por exemplo. De qualquer maneira, isso é uma reviravolta na noção que anteriormente tínhamos total controle sobre o nosso trabalho. Assim, o poder de organizar, catalogar e classificar o conteúdo sai de nossas mãos e requer uma mudança de atitude profunda: temos que criar ambientes convidativos; temos que aprender com o que os usuários fazem com o que fazemos; temos que aprimorar o ambiente com base nesse aprendizado”, orienta.

### Drupal



É um gerenciador de websites dinâmicos que possui o código aberto e oferece diversas características e serviços para os usuários administrarem, publicarem, discutirem, agregarem novidades, utilizarem controle de vocabulários e trabalharem em publicação por XML.

Fonte: Baixaki (<http://tinyurl.com/pjb7x>)

### Como justificar a adoção deste conceito?

Ok, entendemos o significado e quais são as transformações provocadas pela folksonomia. Agora, como justificar sua implementação em um projeto de site? Calma, nós podemos ajudá-lo!

Uma explicação que parece ser bem convincente envolve os resultados em ferramentas de busca. “Sites que categorizam e distribuem seu conteúdo tem uma melhor ‘encontrabilidade’ em relação aos mecanismos de busca. Um site que categorize suas páginas, distribuindo-as pelo del.icio.us, inclusive criando uma tag própria que identifique o site, poderá captar toda uma rede de

usuários/leitores que, por sua vez, ao categorizar a página no seu del.icio.us, mostrarão aos produtores e desenhistas de sites como reorganizar sua própria classificação ou criar links/páginas/artigos relacionados. A classificação possibilita, também, a aproximação com conteúdos relacionados, a distribuição do conteúdo de forma categorizada e pode contribuir para a medição do alcance da publicação, por meio do acompanhamento das tags geradas pelo usuário/leitor”, afirma Suzana Gutierrez.

Outra boa justificativa está na forma como os usuários passarão a se relacionar com os ambientes digitais. “Na medida em que eles são mais ‘donos’ da experiência, à medida que eles efetivamente investem seu tempo e afetos em um site, o envolvimento dele aumenta, a fidelidade idem. E, o que é mais importante, como a relevância da experiência passa a ser muito maior, a satisfação do usuário cresce proporcionalmente”, diz René.

“Quando o consumidor tem liberdade para criar e interagir com os conteúdos que encontra à sua disposição, se sente mais dono do ambiente, consegue criar uma experiência mais fluida. Com isso, alcança maior satisfação e, no caso de sites relacionados a empresas e produtos, atribui valores à marca que antes não eram possíveis. Portanto, folksonomia, desde que a nomenclatura represente o conjunto de modelos de negócio que forneçam poder as pessoas de consumir/produzir conteúdo, é um grande aliado, ou seja, traz vantagens para gestores de marcas e comunidades na web”, argumenta Mauro. ✉



### Quem aderiu a folksonomia

#### - Nacionais

Converse ([www.converse.org.br](http://www.converse.org.br))  
Fiat 30 Anos ([www.fiat30anos.com.br](http://www.fiat30anos.com.br))  
NewsCloud ([www.fserb.com.br/newscloud](http://www.fserb.com.br/newscloud))  
Overmundo ([www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br))  
UOL Blog (<http://tinyurl.com/kpfcem>)

#### - Internacionais

Amazon (<http://tinyurl.com/k3j7d>)  
Del.icio.us (<http://del.icio.us>)  
Flickr ([www.flickr.com](http://www.flickr.com))  
FURL ([www.furl.net](http://www.furl.net))  
Slashdot (<http://slashdot.org>)  
Suprglu (<http://suprglu.com>)  
Technorati ([www.technorati.com](http://www.technorati.com))  
YouTube ([www.youtube.com](http://www.youtube.com))  
KeoTag ([www.keotag.com](http://www.keotag.com))  
43 Things ([www.43things.com](http://www.43things.com))

Fontes: Felipe Fonseca, Suzana Gutierrez e Revista Webdesign

## Aprenda com quem faz

Formação Webdesigner com foco no design e em XHTML

Formação Webdeveloper com PHP e MySQL para pessoas sem conhecimento de programação



### A melhor estrutura do Rio de Janeiro, confira alguns termos do Compromisso Íparos:

- garantia plena de aprendizado
- computadores Dell novos
- pleno suporte
- máximo 6 alunos por turma
- garantia da data de início
- certificação extra após teste

Acesse o site e veja os detalhes e todos os nossos termos

# Íparos

## Design Studio

[www.iparos.com.br](http://www.iparos.com.br)

Av Treze de Maio, 13 - 6º andar  
Cinelândia - Rio de Janeiro  
telefone: 2282 5318